



A NOÇÃO DE SISTEMA E A MUDANÇA LINGUÍSTICA: POR UMA TEORIA SOCIOLINGUÍSTICA DA MUDANÇA A PARTIR DE SEUS “FUNDAMENTOS EMPÍRICOS”

Jomson Teixeira da Silva Filho¹

¹ Doutor em Linguística. Docente da Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus de Tomé-Açu/PA. E-mail: jomson08@gmail.com

RESUMO: Este artigo tem como principal objetivo apresentar, sucintamente, a partir de uma investigação de cunho bibliográfico, como e a partir de que lugar teórico e princípios epistemológicos, a Sociolinguística proposta por Labov (2008 [1972] e seguintes), foi capaz de se solidificar como uma teoria que revisita o objeto da Linguística até então já definido e difundido, a saber, a “língua”, como um sistema homogêneo, imutável e unitário aos moldes de Saussure (1916) e, conseqüentemente, de toda a corrente estruturalista. A mudança do ponto de vista laboviano sobre a língua passa a entendê-la como uma entidade inerentemente variável, heterogênea e mutável, estabelecendo assim seus princípios fundamentais. Nesse sentido, o objeto de estudo da Linguística laboviana é a comunidade de fala e não mais a língua enquanto um sistema isolado.

Palavras-chave: Fundamentos Empíricos da Sociolinguística. Heterogeneidade Sistemática. Mudança Linguística. Sistema.

ABSTRACT: The main objective of this article is to present, succinctly, from a bibliographic investigation, how and from what theoretical place and epistemological principles, the Sociolinguistics proposed by Labov (2008 [1972] et seq.), was able to to solidify as a theory that revisits the object of Linguistics already defined and widespread, namely, “language”, as a homogeneous, immutable and unitary system along the lines of Saussure (1916) and, consequently, of the entire structuralist current . The change in the Labovian point of view about language starts to understand it as an inherently variable, heterogeneous and mutable entity, thus establishing its fundamental principles. In this sense, the object of study of Labovian Linguistics is the speech community and no longer the language as an isolated system.

Keywords: Empirical Foundations of Sociolinguistics. Systematic Heterogeneity. Linguistic Change. System.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho busca discutir como e a partir de que lugar teórico e princípios epistemológicos a Sociolinguística Laboviana (1968 e seguintes) foi capaz de se consolidar enquanto uma teoria que reconstitui o objeto da Linguística, a língua, como um sistema homogêneo, imutável e unitário aos moldes de Saussure (1916) e, de certa forma por todo o Estruturalismo, para enxergá-la partir de sua heterogeneidade sistemática, observando seu uso na e pela comunidade linguística e assim destacar a ligação entre a variação e a mudança na língua, não só a partir da imanência da estrutura linguística, mas também a partir de fatores de ordem social.

Assim, longe de exaurir o tema e sem buscar ineditismo na proposta, procuramos no primeiro momento, discorrer sobre a noção de sistema em Saussure e suas consequências teóricas e epistemológicas – como o ponto de vista sincrônico e sua consequente exclusão da variação e mudança linguística - para os estudos linguísticos. Em seguida, fazemos uma historicização do “nascimento” da Sociolinguística e seu novo objeto de estudo, destacando alguns autores que inicialmente se debruçaram sobre a relação entre língua e sociedade e, assim, já teorizavam sobre a questão da variação e da mudança linguística.

Buscamos, ainda, apresentar alguns conceitos teórico-metodológicos que constituem a teoria da linguagem denominada de Sociolinguística Variacionista, caracterizando os “fundamentos empíricos” apresentados por Weinreich, Labov e Herzog em 1968, para sistematizar alguns pontos principais desse texto basilar para aqueles que se debruçam sobre o estudo da língua em seu contexto social. Por fim, discutimos o “novo” objeto de estudo da Sociolinguística, ou seja, a língua como uma entidade heterogênea e variável pertencente a uma comunidade de fala também heterogênea. Seguimos apresentando as nossas considerações finais.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE SAUSSURE E A NOÇÃO DE SISTEMA LINGUÍSTICO

O Curso de linguística geral, obra póstuma atribuída a Ferdinand de Saussure, mas editada e

publicada por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger em 1916, é a obra que estabelece o corte epistemológico capaz de estabelecer para a Linguística seu objeto e método próprios, elevando-a ao status de ciência e dando início à chamada Linguística Moderna.

Isso se deve ao fato de que, é nessa obra que se podem encontrar os princípios basilares da concepção de língua enquanto um sistema de signos como o único e verdadeiro objeto da Linguística. Sobre isso, afirma Saussure:

A língua é um *sistema* de signos que exprimem ideias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos *sistemas* militares etc., etc. Ela é apenas o principal desses sistemas (SAUSSURE, 2003 [1996], p. 24, *itálicos nossos*).

O conceito de sistema não é exatamente teorizado por Saussure no CLG, mas sua importância é indiscutível, uma vez que todo o cabedal teórico saussuriano é perpassado por ele. Podemos afirmar inclusive que essa noção sempre foi uma preocupação de Saussure, uma vez que um de seus trabalhos mais importantes carregam o termo em seu título, a saber, sua dissertação de mestrado “*Mémoire sur le primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*” que rendeu a Saussure certa notoriedade.

Paveau e Sarfati (2006) destacam, no entanto, que a noção de língua como sistema não é nova, pois já estava presente em Aristóteles, nos estoicos e na gramática especulativa do século XII. Se a noção de sistema não é nova e não foi inaugurada por Saussure, perguntamo-nos: em que sentido, então, essa noção de língua se configura como um ponto nevrálgico na teorização saussuriana? Recorremos mais uma vez a Paveau e Sarfati que respondem:

A noção de sistema não é nova no momento em que Saussure ministra seus cursos; mas o que ele inaugura é a ideia de que as unidades da língua são definíveis, não pela sua descrição isolada e diacrônica (conforme o método de seus predecessores), mas pelo lugar e suas relações no interior do sistema. As unidades da língua não têm nenhuma característica própria, fora das relações que elas entretêm com as outras, relações definidas por Saussure como oposições negativas (PAVEAU; SARFATI, 2006, p. 77).

As palavras das autoras anteriormente citadas, levam-nos a considerar que a noção de sistema convoca outro conceito de fundamental importância:

o de sincronia. A língua como um sistema de signos - imanente - foi ressignificado posteriormente pela noção de *estrutura*² e resultou no que se convencionou chamar de Estruturalismo. Conforme Costa (2009, p. 118):

O estruturalismo [...] registra a prioridade do estudo sincrônico sobre o diacrônico [...], o linguista deve estudar prioritariamente o sistema da língua, observado como se configuram as relações internas entre seus elementos em um determinado momento do tempo. Esse tipo de estudo é possível porque [...] para os falantes, a realidade da língua é o seu estado sincrônico.

Dessa forma, a corrente estruturalista faz com que a Linguística abandone o enfoque apenas histórico e comparativo da Gramática Comparada que estabelecia a comparação de formas isoladas das línguas para comprovar seus parentescos, para uma abordagem global da língua enquanto sistema de signos que conhece apenas sua ordem própria. Assim,

Saussure quer [...] ultrapassar a comparação conjuntural das línguas particulares, como fazem os especialistas da gramática comparada na sua época, para estudar a estrutura geral da língua” (PAVEAU; SARFATI, 2006, p.65).

A primazia da sincronia, como o estudo científico da língua num estado determinado do tempo parece ter como consequência o “abandono” da abordagem histórica ou diacrônica, já que segundo a interpretação saussuriana, a mudança só poderia ser estudada depois de concluída, daí que para Saussure, metodologicamente falando, o passado da língua não importa para o falante, mas apenas o sistema atual da língua e suas regras, assim como no jogo de xadrez, metáfora utilizada por Saussure. Lucchesi (2004, p. 31) ao contrário, afirma que o estudo da mudança “tem por base a comparação dos estados fixados ao longo do devir temporal”.

Assim, a mudança linguística passa a ser um tema secundário e por vezes, até excluído do campo de preocupação dos estudiosos da Linguística estruturalista à época. Apesar disso, a obra de Saussure dá início a uma grande revisão de todos os conceitos linguísticos e até mesmo de toda a arquitetura teórico-metodológica da ciência

linguística a partir dessa concepção de língua como sistema que convoca a noção de sincronia. Nesse sentido, a noção de sistema é tão importante que mesmo não teorizada, aparece como princípio nas mais importantes elaborações saussurianas, como a distinção língua e fala, a semiologia, a linguística interna e a dicotomia sincronia/diacronia³. Assim mais do que uma questão de propor um novo objeto para a linguística, a noção de sistema configura-se como uma “escolha epistemológica”.

Dissemos que a noção de sistema convoca a noção de sincronia. Gostaríamos de mais uma vez dar a palavra a Paveau e Sarfati (2006) que de forma muito perspicaz resume a relação entre língua, sistema e sincronia:

A noção de sincronia contém jogos importantes: **um jogo epistemológico**, na medida em que assinala uma ruptura com as aproximações dominantes da época baseadas no exame das mudanças (linguística histórica e comparatismo) e, portanto, a consideração de unidades isoladas; **um jogo teórico**, pois ela permite elaborar a língua como um sistema abstrato; **um jogo metodológico**, na medida em que ela permite organizar o campo da linguística (PAVEAU; SARFATI, 2006, p. 79, negritos nossos).

A língua para Saussure é, por assim dizer, um objeto eminentemente sincrônico, uma vez que, para efetivar a separação entre a língua e a fala, foi necessário também separar a língua de sua história, haja vista que a Linguística sincrônica, por se ocupar dos estados da língua é uma abstração teórica que imobiliza a língua fora de seu aspecto temporal. Como afirma Normand

O termo língua designa, pois, um conjunto de elementos que só pode ser estudado em sincronia [...] e só pode ser apreendido por uma atitude de **abstração**: diante das produções concretas dos locutores, deve-se criar a hipótese de um sistema unitário de referência (2000, p. 57, itálico da autora, negrito nosso).

É justamente nessa abstração que está apoiado todo o movimento estruturalista. Assim, afirma Lucchesi (2004):

A concepção estrutural transforma a língua real, essencialmente dinâmica em um objeto ideal, a **língua estática** (donde a definição de linguística estática, de Saussure), e o fez à maneira da Medusa Mitológica, que, por meio de seu olhar fulminante, transformava os homens em estátuas de pedra. Levando esse raciocínio às últimas consequências, Saussure exclui a questão da mudança do terreno próprio das investigações linguísticas. E ao seu território de exílio denomina linguística diacrônica (LUCCHESI, 2004, p. 37, grifos nossos).

² Não se encontra no Curso de linguística geral o conceito de língua como estrutura no sentido como foi veementemente defendido pela corrente estruturalista posterior a Saussure.

A noção de mudança na língua colocava em questão a própria noção de língua como estrutural e sistemática assim como foi colocada por Saussure, por isso o estudo da variação linguística é excluído da formulação operada por Saussure a partir de sua própria concepção de língua, por uma conclusão muito lógica: se a Linguística deveria ser o estudo da língua enquanto sistema, todas as questões relativas à variação linguística, por serem estranhas ao sistema, deveriam ser banidas dos seus interesses.

3 A VARIAÇÃO E A MUDANÇA EM PERSPECTIVA: O SURGIMENTO DA SOCIOLINGUÍSTICA

Pode-se afirmar que o termo Sociolinguística, entendido como um campo da Linguística, fixou-se em 1964 em um congresso realizado por William Bright, na Universidade da Califórnia em Los Angeles, do qual foram participantes vários estudiosos que posteriormente se tornariam referências clássicas nesse campo de estudo, como John Gumperz, Dell Hymes, John Fisher e William Labov, conforme ressalta Alkmim (2012).

Bright tinha como objetivo demonstrar a covariação entre língua e sociedade. Segundo a autora, o interesse da Sociolinguística

era demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social, ou seja, relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às variações existentes na estrutura social desta mesma sociedade" (BRIGHT, 1974 apud ALKMIM, 2001, p. 28).

A partir de então, novas perspectivas em relação à língua e à sociedade começaram a surgir, dando espaço para novas concepções e tipos diversos de estudos sociolinguísticos. Um deles é a Sociolinguística Variacionista, que servirá como base para a discussão proposta neste trabalho.

A sociolinguística Variacionistas surge também durante a década de 1960, a partir dos estudos de William Labov na ilha de Marthas's Vineyardem em 1963, sobre a centralização dos ditongos (ay) e (aw) e também sobre a estratificação social do < r > em lojas de departamento em Nova York em 1966, sob a orientação de Uriel Weinreich. A partir dos resultados destes estudos, Labov propôs um modelo

teórico que considerava os aspectos sociais que influenciam diretamente os sistemas linguísticos e, assim, expõe que os fatores sociais condicionam as mudanças na língua, nesses estudos em específico, mudanças fonológicas.

O modelo laboviano se destaca por afirmar a existência de regras categóricas segundo as quais há variante(s) em oposição à(s) outra(s) variante(s). O modelo faz testes probabilísticos. Desenvolve-se um modelo de regra variável, com o qual é possível verificar se o uso de uma variável é influenciado por fatores extralinguísticos e linguísticos mostrando as relações que são estabelecidas entre esses fatores.

Desse modo, pode-se observar que o uso de uma determinada variante não é aleatório, pelo contrário, ocorre em situações regulares tanto linguística como socialmente, o que caracteriza regularidade em meio à heterogeneidade. Apesar desse marco teórico, é o próprio Labov quem nos indica seus precursores.

Antoine Meillet é apontado pelo autor como aquele que já na década de 1920 “se preocupou com a explicação da mudança considerando o contexto social” (LABOV, 1972 [1970], p.185). Mas, é Gauchat (1905), através do estudo da comunidade francófona suíça de Charmey, que é considerado por Labov como o “embrião” da abordagem sociolinguística da mudança.

É esse trabalho, segundo Lucchesi (2004), que se destaca por ser o primeiro que tomou como objeto de estudo a mudança linguística em progresso. Em seu trabalho, Gauchat analisou a variação em seis traços fonológicos na comunidade de fala, e observando três faixas etárias, concluiu haver mudança em progresso nos traços fonológicos estudados. Hermann, em 1929, confirma a hipótese de Gauchat, ao analisar quatro dos seis traços na mesma comunidade.

Aparece aqui, então, um propósito basilar do estudo pautado na análise sociolinguística, a saber, superar a ideia de que o estudo da mudança linguística só podia ser feito depois que a mudança estivesse concluída, conforme afirmava Saussure e os estruturalistas. Para isso, Labov cria um modelo capaz de prever a mudança em progresso na variação observada na língua num determinado momento. Dessa forma, o autor define esse tipo de estudo da mudança no tempo aparente.

⁴ A noção de mudança linguística será tratada posteriormente.

O pressuposto central do tempo aparente é o de que as diferenças no comportamento linguístico de gerações diferentes de falantes num determinado momento refletiriam diferentes estágios do desenvolvimento histórico da língua, conforme afirmam Chambers e Trudgill (1980):

A validade do [tempo aparente] depende crucialmente da hipótese de que a fala das pessoas de 40 anos hoje reflete diretamente a fala das pessoas de 20 anos há 20 anos atrás e pode, portanto, ser comparada com a fala das pessoas de 20 anos de hoje, para uma pesquisa da difusão da mudança linguística. As discrepâncias entre a fala das pessoas de 40 e 20 anos são atribuídas ao progresso da inovação linguística nos vinte anos que separam os dois grupos (CHAMBERS e TRUDGILL, 1980, p. 165).

Vale ressaltar que a análise da mudança em tempo aparente é apenas uma previsão ou prognóstico que o pesquisador se predispõe a fazer, sendo assim considerada como uma hipótese. Sobre isso, Coan e Freitag (2010, p. 4) destacam que “a articulação entre presente e passado permite evidenciar estágios variáveis e mudanças que aconteceram (tempo real) e que estão em curso (tempo aparente)”.

Outro impasse teórico deveria, no entanto, ser superado. A ideia de que a variação é livre e não condicionada. Era de fato preciso superar esse impasse para comprovar a relação existente entre a variação e a mudança como o caminho para o estudo do processo de mudança linguística, já que como afirma o próprio Labov, toda mudança pressupõe variação.

Foi necessário, então, romper com o axioma estruturalista de que o sistema linguístico seria invariante, para considerar a língua como sistematicamente inerentemente variante para que essa variação fosse considerada o objeto de análise linguística.

Considerar, então, a variação como sistemática implica considerar os fatores externos no estudo da língua, pois o que apenas no plano linguístico era aleatório passava a ser sistemático quando relacionado aos fatores sociais e estilísticos. Segundo Labov (2008, p.214), “não é possível realizar uma análise das relações estruturais dentro de um sistema linguístico para só depois recorrer a relações externas”.

Dessa forma, com a Sociolinguística Laboviana, supera-se a visão estruturalista de que a

análise linguística se baseia apenas na estrutura da língua, ou seja, a visão imanentista dos estudos da linguagem. Para Mollica (2008, p. 11), o objetivo da Sociolinguística é, portanto,

[...] investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático”

Assim, a sociolinguística laboviana reconhece que a observação no encaixamento da estrutura linguística é essencial para o entendimento da variação e da mudança, mas defende que apenas a consideração dos fatores internos e estruturais da língua por si só não é suficiente para a construção de uma teoria capaz de explicar a mudança linguística.

4 A FIXAÇÃO DO CAMPO: CONCEITOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A Sociolinguística se fundamenta pela descrição e pela sistematização do funcionamento da língua dentro da sociedade que a usa, ou seja, parte de uma visão social da língua e, por isso, tem como objeto de estudo a variação e a mudança inerente a qualquer língua no contexto social da comunidade de fala.

A concepção de língua assumida por essa teoria é aquela segundo a qual a sua natureza se apresenta como heterogênea. A língua é entendida como uma realidade inerentemente variável, diferentemente do paradigma estruturalista, brevemente apresentado acima, mas também como inerentemente ordenada. Em outras palavras, pode-se dizer que a língua é dotada de uma heterogeneidade sistemática que para Labov (1972, p.3) é motivada por pressões sociais que “continuamente operam sobre a língua, não devendo, pois, ser estudada fora do contexto social”.

Isso implica dizer que, segundo Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006, p.101) a ausência de heterogeneidade estruturada na língua seria disfuncional, uma vez

o comando nativo das estruturas heterogêneas não é matéria de multidialectalismo ou de “mero” desempenho, mas é parte da competência linguística monolíngue. Um dos corolários da nossa abordagem é que, em uma língua que serve a uma comunidade complexa (i. é. real), é a ausência da heterogeneidade estruturada que seria disfuncional. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 36)

Dessa forma, os autores apresentam uma concepção distinta de outros teóricos como Saussure e Chomsky, por exemplo, que afirmam haver uma homogeneidade necessária na estrutura linguística e ignoram a heterogeneidade.

Figuroa (1996), por sua vez, elucida que não se deve interpretar de maneira equivocada quando se afirma que a Sociolinguística é o estudo da língua em seu contexto social, ou seja, a Sociolinguística não é uma teoria da fala que se contrapõe a uma teoria da língua, nem tem como objetivo único, ao estudar o uso da língua, sua mera descrição.

Busca-se, através dessa descrição, trazer à tona o que ela revela sobre a própria estrutura linguística, ou seja, podemos dizer que a teoria sociolinguística, dentre outras coisas, procura explicar como a mudança estrutural não afeta o funcionamento. A teoria da mudança objetiva responder, assim, responder à questão de como a língua funciona enquanto a estrutura muda, se ela tem de ser estruturada para funcionar, conforme destacam WLH, 2006 [1968]).

Faz-se interessante ressaltar que quando se fala em mudança na teoria da variação, tem-se um conceito diferente daquele que é comumente adotado por outras teorias, principalmente aquelas que se alicerçam sobre bases da linguística formal. Para a Teoria da Variação, não se pensa em mudança como algo aleatório, uma vez que como afirma Labov (2008 [1972]) nem tudo que varia sofre mudança, mas toda mudança pressupõe variação”.

Levando em consideração o postulado acima, faz-se capital verificar se as variantes estão indicando uma mudança em curso ou uma variação estável. Essa análise pode ser feita em tempo real ou em tempo aparente. As análises em tempo aparente relacionadas às análises em tempo real permitem observar se há ou não mudança em curso.

Para Labov, toda comunidade linguística ou comunidade de fala, de qualquer tamanho que seja, sempre apresentará variação decorrente da relação de fatores sociais e linguísticos que podem se manifestar em todos os níveis da gramática, ou seja, na morfologia, na fonologia, na sintaxe e na semântica e até mesmo no nível discursivo. Além disso, entende-se que a heterogeneidade existe até mesmo dentro das comunidades de fala. Em relação a isso, Coelho (2010) afirma que:

Não existe uma comunidade de fala homogênea, nem um falante-ouvinte ideal. Pelo contrário, a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala é um fato comprovado. Existe variação inerente à comunidade de fala – não há dois falantes que se expressem do mesmo modo, nem mesmo um falante que se expresse da mesma maneira em diferentes situações de comunicação (COELHO, 2010, p.2)

Através da variação pode-se “indicar” a direção da mudança. Faraco (2005) destaca que a mudança não se caracteriza pela troca direta e instantânea de um elemento por outro, mas é precedida sempre por uma fase de concorrência. Da variação das formas com o mesmo valor referencial, embora nem sempre esse seja o caso, uma pode ser fixada à função, o que torna a outra uma forma obsoleta. Nesse percurso teórico argumentativo, apresentamos a seguir os “fundamentos empíricos” desse novo olhar sobre a língua.

5 A TEORIA SOCIOLINGUÍSTICA E SEUS “FUNDAMENTOS EMPÍRICOS”: UMA NOVA CONCEPÇÃO DE LÍNGUA COMO SISTEMA HETEROGÊNEO

Os estudos da mudança linguística em progresso, fixado principalmente por Labov, tomava um rumo que o levava, conseqüentemente, à criação de uma nova teoria da mudança que foi tomando forma, principalmente, pela publicação do texto “Empirical Foundations for a Theory of Language Change”⁵, escrito por Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog entre 1966 e 1968 e, também, pelos textos de Labov sobre Martha’s Vineyard e Nova York. Esses dois trabalhos iriam depois constituir a pedra angular da Teoria Sociolinguística da mudança em progresso.

O texto de WLH, como o próprio título indica, pretende apresentar, com bases sólidas e empíricas, a fundamentação sobre a teorização da mudança linguística. O próprio texto deixa claro suas pretensões, nas quais, no plano da teoria geral dos estudos da linguagem, procura introduzir uma nova concepção de mudança, assim como uma nova concepção de língua, conforme discutimos anteriormente.

Depreende-se então que, no que toca à nova teoria e sua epistemologia, o texto de WLH pretende

⁵ Doravante WLH, para fazer menção aos seus autores.

“desenvolver, a partir da questão mudança, um novo modelo teórico, através do qual se possa formular uma nova orientação para a pesquisa linguística”. (LUCCHESI, 2004, p.169)

Esse novo modelo busca respostas para a questão da concepção geral do próprio objeto de estudo, já que não era possível, dentro do quadro estruturalista, explicar a questão crucial da mudança linguística. E essa resposta convoca a própria concepção do objeto de estudo, pois parte de uma nova visão, firmando-se dentro da comunidade científica. Para isso, foi preciso tanto fundamentar muito bem empiricamente, como também mostrar que essas novas propostas eram capazes de modificar substancialmente as principais questões que tocavam as pesquisas linguísticas desenvolvidas até então. Quanto a isso, Labov (1982) destaca que:

Os princípios formulados por Weireinch, Labov e Herzog (1968) foram apoiados pela referência a um corpo considerável de evidências, fundamentos empíricos são necessariamente empíricos. Eles eram igualmente apoiados por uma crítica detalhada das posições opostas que haviam tido uma forte influência sobre a pesquisa linguística por mais de um século, embora elas não possuíssem tais bases empíricas (LABOV, 1982, p. 19).

Nessa passagem, Labov faz referência aos mais importantes princípios teóricos com os quais WLH queria romper: a noção homogeneizante da comunidade de fala e a definição do idioleto como sendo o objeto da descrição linguística, assim como também a contraposição da Sociolinguística com a corrente teórica do gerativismo. Essa contraposição, em especial, pode ser comprovada na página 125 da obra de WLH.

Nasce então, da refutação dos dois princípios teóricos acima colocados, um novo objeto de análise linguística, como pode ser visto em Labov (1982, p. 18), quando o autor afirma que “o objeto de descrição linguística é a gramática da comunidade de fala: o sistema de comunicação usado na interação social”. A partir disso, nessa nova concepção, a gramática da comunidade de fala substitui a língua, objeto de análise do estruturalismo. Ao contrário da língua estruturalista, homogênea e unitária, tem-se agora a comunidade de fala, que apresenta como característica inerente e essencial, a heterogeneidade.

Alkmim (2001, p. 31) afirma que a comunidade linguística “é um grupo de falantes que interatuam verbalmente e que compartilham de um conjunto de

normas com relação aos usos linguísticos”. A comunidade de fala não se caracteriza pela ideia de um grupo de pessoas que falam do mesmo modo, mas por falantes que se relacionam, interagem, por meio de diversas redes comunicativas, e que norteiam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras. Nesse sentido, Labov (1982) argumenta que:

A condição normal da comunidade de fala é a heterogeneidade: podemos esperar encontrar uma larga gama de variantes, estilos, dialetos e linguagens usadas por seus membros. Essa heterogeneidade é parte integrante da economia linguística da comunidade, necessária para satisfazer as demandas linguísticas da vida cotidiana (LABOV, 1982, p. 17).

A concepção de heterogeneidade, por sua vez, não se confunde com a noção de variação livre, haja vista que pode ser correlacionada com fatores internos e externos à estrutura linguística. Labov (1982) assume que:

O termo heterogeneidade estruturada enfatiza outro aspecto desse fenômeno que o distingue mais ainda da variação livre. A ocorrência das variantes em questão é frequentemente relacionada com traços do contexto interno [...] e igualmente com características externas ao falante: estilo contextual, estatuto e mobilidade social, etnia, sexo e idade (LABOV, 1982, p.18)

É essa variação sistemática que passa então a nortear todos os estudos pautados nos pressupostos da Sociolinguística, variação sistemática essa entendida como inerente ao objeto linguístico de estudo, e concebida como uma heterogeneidade estruturada ou ordenada, de forma que as técnicas da descrição linguística, a partir de então, deveriam ser adequadas para lidar com a heterogeneidade do objeto e os métodos desenvolvidos para a pesquisa sociolinguística seriam, portanto, destinados à descrição da variação e da mudança.

Lucchesi (2004) comenta que outra diferença entre a Sociolinguística e a corrente estruturalista seria o resgate da história nos estudos linguísticos. O objeto de estudo deixa então de ser um sistema autônomo e sem história para constituir um produto do processo histórico de constituição das línguas.

Essa abordagem histórica proposta por WLH deveria dar conta da heterogeneidade e pluralidade dessa nova realidade histórica e sociocultural. Dessa forma, a língua deveria ser formalizada, não como um sistema autônomo e unitário, mas como um sistema dotado de heterogeneidade, de modo que “em uma língua que serve a uma comunidade

complexa é a ausência da heterogeneidade estruturada que seria disfuncional” (WLH, 1968, p.101).

A capacidade de o falante lidar com essa heterogeneidade inerente ao sistema de modo a não comprometer a comunicação linguística, também foi pautada na proposta de WLH. É a competência linguística do falante frente à heterogeneidade do sistema que aparece como um fato empírico importante para sustentar a nova concepção de língua proposta pela Sociolinguística. Sobre essa nova proposta, Mattos e Silva (1980/81) assegura que:

O fundamento dessa nova proposta se insere num entendimento novo da estrutura linguística: a especulação linguística a partir de uma visão da estrutura linguística como homogênea pelos estruturalistas e gerativistas é considerada ineficaz por não ser compatível com a realidade; para os chamados sociolinguistas americanos, a estrutura é intrinsecamente heterogênea, e heterogeneidade e estrutura não são incompatíveis, ao contrário, são necessárias ao funcionamento real de qualquer língua. Prova-se isso pela capacidade e competência do indivíduo em codificar e decodificar essa heterogeneidade. A partir dessa visão de estrutura linguística, os autores propõem que as variáveis contextuais, estilísticas, etárias, sociais se inserem nas regras de competência e não sejam consideradas como fenômenos de desempenho (MATTOS; SILVA, 1980/81, p. 96-7).

Aqui se apresenta mais uma diferença em relação à Sociolinguística e o modelo estruturalista dos estudos da linguagem: a capacidade que tem o falante de lidar com a heterogeneidade do sistema linguístico. No paradigma estruturalista o sujeito falante tem um papel estritamente passivo para com a língua, ou seja, a organização estrutural do sistema linguístico independe do sujeito falante, da prática linguística e das realizações das estruturas sistêmicas nas quais as práticas linguísticas se realizam.

De modo contrário, a Sociolinguística contempla um sujeito bem diferente. O falante atua diretamente no sistema heterogêneo de acordo com as disposições estruturadas nas quais a prática linguística se atualiza e não um sujeito passivo diante de um sistema imutável, homogêneo e unitário.

Depreende-se disso que o sujeito falante pode escolher uma dentre as variantes concorrentes na estrutura linguística de forma mais ou menos consciente. A escolha do falante, por sua vez, pode variar de acordo com as circunstâncias efetivas de comunicação, ambiente, aceitação ou negação de um padrão linguístico ou característica do grupo social ao

qual o sujeito falante pertence.

Esse novo modo de entender a relação entre a língua e o falante está diretamente ligada a dois planos distintos da teoria e mesmo da epistemologia da teoria sociolinguística, a formalização da língua como um sistema heterogêneo e variável e a visão de uma competência linguística também heterogênea, já que o falante pode escolher ou adaptar certa variante de acordo com o contexto de comunicação. Lucchesi (2004) então coloca a seguinte questão:

O sistema linguístico heterogêneo é uma representação da língua ou da comunidade de fala ou da competência linguística do falante? Ou seja, onde, em termos empíricos, se deve situar o objeto da sociolinguística, nos padrões de fala observados na coletividade, ou na competência linguística do indivíduo? (LUCCHESI, 2004, p.172).

Para essa resposta, cinco problemas da mudança linguística se apresentam e serão discutidos a seguir.

6 OS CINCO PROBLEMAS NO ESTUDO DA MUDANÇA LINGUÍSTICA

Para resolver a questão da mudança linguística, WHL (1968) esquematizam os cinco problemas clássicos propostos pela teoria sociolinguística: I. O problema das restrições; II. O problema da transição; III. O problema do encaixamento; IV. O problema da avaliação; V. O problema da implementação.

Em seu primeiro momento, o problema das restrições se preocupa em definir quais as condições que favorecem ou desfavorecem as mudanças e qual é o conjunto das mudanças possíveis. As respostas a essa questão conduzem a uma teoria na qual as mudanças seguem princípios gerais. Como afirma Labov (1982, p. 26) “todas as mudanças conduzem à simplificação e à generalização de regras da gramática”.

Esse modo de entender o problema da transição pode parecer contraditório, uma vez que aqui os autores parecem adotar parte da teoria de Chomsky dos universais, ou seja, a ideia de que as mudanças ocorrem sob limites, de que nem toda mudança é possível e que há restrições quanto à possibilidade dos fatores condicionantes.

Labov (1982) retifica então suas ideias anteriores ao afirmar que:

A busca por uma restrição estritamente “universal” é, portanto, uma busca por uma faculdade da linguagem isolada que não está encaixada na matriz mais ampla da estrutura linguística e social. Nada do que nós descobrimos até agora sobre a linguagem sugere a existência de tais estruturas totalmente isoladas (LABOV, 1982, p. 20).

Já o problema da transição se coloca para a teoria da mudança como a necessidade de se explicar o caminho da mudança, ou qual o percurso pelo qual a mudança se efetiva. O problema do encaixamento, por sua vez, afirma que uma mudança linguística só poderá ser compreendida se for considerada a inserção dessa mudança no sistema linguístico ao qual essa mudança afeta.

Assim, os próprios autores declaram

há pouca discordância entre os linguistas sobre a necessidade de uma mudança investigada ser vista como encaixada no sistema linguístico como um todo. O problema é resolver as questões relativas à natureza e extensão desse encaixamento (WLH, 1968, p. 185).

O problema da avaliação tem despertado uma importante reflexão sobre o papel do indivíduo em relação à mudança e à própria língua. Através desse problema, a Sociolinguística tem revisitado o princípio de Saussure que afirma que o indivíduo recebe a língua passivamente, uma vez que a reação subjetiva dos falantes pode de forma direta ou indireta alterar o curso de uma mudança, ou ainda fazer o processo retroagir, ou seja, reverter a mudança.

O problema da implementação, por fim, pode ser formulado através da seguinte questão: Por que uma determinada mudança ocorreu em um momento e em um lugar determinados, e não em outro momento e/ou em outro lugar? Ou seja, a questão é muito mais epistemológica do que teórica, uma vez que a preocupação aqui é como explicar algo através de uma teoria linguística, embora essa discussão deva manter relação direta com a questão fundamental de toda teoria linguística que é conceber o seu objeto de estudo.

Para a Sociolinguística, esse objeto se apresenta como uma organização complexa de mecanismos de causa e efeito, que envolve fatores sociais e linguísticos, ou seja, fatores externos e internos. A Sociolinguística identifica a explicação da mudança linguística à descrição de seus mecanismos de implementação, a saber, os mecanismos que constituem o processo de mudança.

Palavras finais

Neste estudo, tivemos como principal objetivo apresentar de maneira sucinta como a Sociolinguística, tal como é conhecida hoje, foi capaz de se firmar no campo dos estudos linguísticos. Desde o seu nascimento, percebe-se que ela se desenvolveu a partir da observação necessária da relação entre a língua e a sociedade.

Partindo da noção de sistema em Saussure e do paradigma estruturalista, que tem como objeto de estudo a língua enquanto um sistema homogêneo, a Sociolinguística, desde a sua origem, buscou demonstrar que o sistema linguístico é inerentemente variável e que para se chegar à descrição do funcionamento desse sistema, deve-se partir da comunidade de fala que o utiliza para realizar a comunicação e que é esse uso concreto da língua que faz com que o sistema linguístico se efetive e se atualize.

Como vimos, a Sociolinguística ainda apresenta outra noção importante e que sempre foi cara à ciência geral da linguagem, a concepção do sujeito falante, que para essa corrente linguística não se apresenta enquanto sujeito totalmente passivo que recebe o sistema linguístico sem que possa interferir nele. Ao contrário, defende que de forma mais ou menos consciente, o sujeito falante interfere no sistema, pois tem a liberdade, ou a competência comunicativa para escolher uma variante possível de uma variável, dependendo do contexto de comunicação ou, seja, dos fatores externos ao sistema linguístico.

Percorrendo esse caminho, percebemos como a partir de uma argumentação bem fundamentada, a Sociolinguística entrou no cenário científico dos estudos da linguagem, ocupando um lugar central com grande adesão e difusão de pesquisas que buscam explicar a variação e a mudança linguística a partir da intrínseca relação entre a língua e os fatores de ordem social que a rodeiam e a constituem.

REFERÊNCIAS

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

COELHO, I. L. et al. **Sociolinguística**. Florianópolis:

LLV/CCE/UFSC, 2010. 172 p. ISBN 978-85-61482-25-1. Disponível em: Acesso em: 01 junho 2021.

COSTA, M. A. Estruturalismo. In.: In: Mario Eduardo Toscano Martelotta. (Org.) **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. PP. 113-126.

LABOV, W. (1972). **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [Padrões Sociolinguísticos. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, [2008].

LABOV, W. **What can be learned about change in progress from synchrony descriptions**. In: SANKOFF, David; CEDERGREN, Henrietta (Ed.). *Variation Omnibus*. Carbondale; Edmonton: Linguistic Research, p.177-199, 1981

LABOV, W. Building on Empirical Foundations. In: Lehmann, W. & Malkiel, Y. (eds.) **Perspectives on Historical Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins: 17-92, 1982.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change**. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

LUCCHESI, D. O tempo aparente e as variáveis sociais. **Boletim da ABRALIN**, v.26, p.135-137, Número especial, 2001.

LUCCHESI, D. **Sistema, Mudança e Linguagem**. São Paulo: Parábola, 2004

MOLLICA, C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In.: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, p. 9-14, 2003.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2008.

NORMAND, C. **Saussure**. Tradução Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação

Liberdade, 2000.

PAVEAUX, A-M e SARFATI, G-E. **As grandes teorias da linguística** – da gramática comparada à pragmática. Trad. Rosário Gregolin et al. São Carlos, Clara Luz, 2003.

SCHERRE, M. M. P. **Reanálise da concordância nominal em português**. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

TARALLO, F. A **Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

WEINREICH, U.; Weinreich; LABOV, W; HERZOG, Marvin. (1968). "Empirical Foundations for Theory of Language Change". In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov. (eds.) **Directions for Historical Linguistics**. Austin: University of Texas Press: 95-188. [Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.]